ARTIGOS

FRONTIER HISTORY E AS INTERPRETAÇÕES DA COLONIZAÇÃO GREGA ANTIGA

*Airton Pollini**

* University of Haute-Alsace (Mulhouse, France)

RESUMO: No final do século XIX, F. J. Turner estudou a história do Oeste americano e propôs analisar a conquista de terras como um processo: uma fronteira que se move em direção ao Oeste e que diz respeito não somente ao aspecto militar, mas também os processos sociais e econômicos. Depois de retomar as principais ideias do conceito de *frontier history*, proponho integrar algumas novas abordagens sobre colonização conhecidas como pós-colonialismo. A terceira parte constitui uma análise de um caso de estudo: uma colônia grega do sul da Itália, Síbaris. Argumento que certos conceitos modernos podem ser usados como uma ferramenta operacional para interpretar dados arqueológicos, desde que o contexto histórico da cultura material seja observado atentivamente.

PALAVRAS-CHAVE: *frontier history*, colonização, pós-colonialismo, Magna Grécia, Síbaris.

FRONTIER HISTORY AND THE APPROACHES ON ANCIENT GREEK COLONIZATION

ABSTRACT: At the end of 19th century, F. J. Turner studied the history of the American West and proposed to analyze the conquest of land as a process: a moving frontier progressing towards the West and concerning not only the military aspect, but also the social and economic processes. After recalling the main ideas of the concept of *frontier history*, I propose to integrate some new approaches to contexts of colonization known as postcolonialism. In a third part, I take into account one case study: that of one Greek colony in South Italy, Sybaris. I argue that certain modern concepts may be used as an operational tool to interpret archaeologi-

cal evidence, as long as the historical context of the material culture is well observed.

KEYWORDS: *frontier history*, colonization, postcolonialism, Magna Graecia, Sybaris.

Turner: *frontier history*

O conceito de *frontier history* veicula a ideia das fronteiras como zonas de avanço progressivo da cultura europeia sobre a terra previamente ocupada por populações indígenas. De acordo com F. J. Turner[1], é a existência dessa fronteira que explica as formas da constituição da sociedade e do Estado americanos, assim como ela justifica o desenvolvimento de um caráter peculiar do povo americano[2]. Ele afirma que, até o seu estudo, historiadores e economistas negligenciaram os caracteres sociais e econômicos específicos da fronteira, concentrando-se unicamente em seu aspecto militar. A originalidade do trabalho de Turner se encontra no estabelecimento de uma teoria que explica a especificidade da história americana, considerando diversos aspectos da constituição da sociedade americana, principalmente a integração de imigrantes vindos de diversas regiões.

1. Turner, F.J., 1893.

2. *Cf.* Turner, F.J., 1896, reproduzido em Turner, F.J., 1921, capítulo VII.

F. J. Turner insistia sobre a especificidade de sua teoria, que seria válida unicamente no contexto da conquista do Oeste americano. Sua ideia central era a existência de uma "terra livre" (*free land*): abundância de terra com recursos naturais, pronta para ser ocupada e disponível para a exploração econômica dos colonos[3]. Sua concepção de terra livre é aquela do século XIX, que significa a terra que o pioneiro podia conquistar pela sua força militar superior e que ele podia transformar em terra privada a ser trabalhada e explorada. É óbvio que, sem certa mediação, não se pode transferir essa concepção para as sociedades antigas, como aquela dos gregos da época arcaica, mas a integração de terras novas dentro do espaço de uma sociedade colonial é o ponto essencial para efetuarmos uma comparação.

3. *Cf.* Osorio Silva, L., 2006, p 46 ; Osorio Silva, L., 2003, p 102.

Outro elemento interessante da análise de F. J. Turner é a importância do comércio para a conquista do espaço pelos colonos europeus. De um lado, as trocas comerciais com os nativos constituíam o primeiro movimento de colonização,

já que elas veiculavam parte da civilização ocidental europeia que atingia os nativos antes da conquista militar. Por outro lado, certos elementos da cultura europeia, como a utilização de cavalos e de armas de fogo, podiam ajudar os nativos na sua luta contra os pioneiros. Esse duplo aspecto do comércio na interação entre sociedades em contato é outro importante elemento a ser considerado no contexto da colonização grega.

F. J. Turner também sublinhou o papel da fronteira oeste para a integração de imigrantes na sociedade americana: a costa leste estava ocupada principalmente por colonos de origem britânica enquanto que a conquista do Oeste era, de certo modo, o efeito da imigração europeia, em especial germânica e irlandesa. Através da apropriação privada de novas terras, esses imigrantes se tornavam americanos, integrados em uma sociedade mista e heteróclita. A fusão de diversas nacionalidades contribuiu para a constituição dessa nova sociedade mista que se tornava especificamente americana.

Dados arqueológicos das colônias gregas não autorizam qualquer comentário sobre a integração de novos colonos. Entretanto, a tradição literária revela a existência de uma pluralidade de origens em algumas colônias, o que já é uma boa indicação da relevância dessas questões em uma comunidade colonial. Além disso, recentemente, foi sublinhada a importância de fases subsequentes de chegada de colonos gregos, aqueles chamados *epoikoi*, literalmente ocupantes adicionais, ou seja, aqueles que chegaram depois da fundação de uma nova colônia[4].

F. J. Turner também reforça o papel das fortificações de fronteira. Elas foram essenciais para a conquista progressiva do território e constituíram a primeira e mais importante instalação, a partir da qual diversas comunidades coloniais puderam se organizar. Na ausência dessas fortificações em território colonial grego no período arcaico, pode-se conjecturar sobre qual outro tipo de instalação poderia ter semelhante papel federador. Proponho identificar na criação de santuários extra-urbanos essa função federadora.

Não é possível adotar uma concepção teórica, forjada em um contexto preciso e destinado a explicar certo momento histórico, e transferi-la em outro contexto sem qualquer mediação[5]. Primeiro, o conceito de *frontier history* foi objeto de diversas críticas, principalmente pelo seu conteúdo ideológico para explicar o caráter da população americana: o pioneiro era visto como o elemento mais forte, civilizado e inovador em oposição aos nativos[6]. Esta visão implica uma desvalorização de todos os

4. Avram, A., 2012, p 197-216.

5. Este conceito foi aplicado ao contexto do sul da Itália principalmente por Ettore Lepore: Lepore, E., 1969, p 31.

6. « The result is that to the frontier the American intellect owes its striking characteristics. That coarseness and strength combined with acuteness and inquisitiveness; that practical, inventive turn of mind, quick to find expedients; that masterful grasp of material things, lacking in the artistic but powerful to effect great ends; that restless, nervous energy, that dominant individualism, working for good and for evil, and withal that buoyancy and exuberance which comes with freedom-these are traits of the frontier, or traits called out elsewhere because of the existence of the frontier », Turner, F.J., 1893.

outros componentes da sociedade americana, ou seja, os nativos e os escravos de origem africana. Aqui não é o lugar para comentar esse debate e para criticar a ideologia de F. J. Turner[7]. O objetivo é somente de testar a possibilidade de utilização dos principais aspectos desse conceito como uma ferramenta teórica operacional para interpretar outros contextos coloniais.

Esta transferência foi realizada por O. Lattimore[8] para analisar outros contextos históricos, sobretudo na Ásia. Mais recentes exemplos aplicam o conceito de *frontier history* para a análise da história brasileira[9]. Em todos esses estudos, o importante é sublinhar as precauções tomadas antes da transferência das ideias do historiador americano do século XIX. A conclusão é que uma abordagem comparativa é o melhor meio de realizar essa transferência[10]. O próprio F. J. Turner já havia proposto certa comparação entre o Oeste americano e o Mediterrâneo durante a Antiguidade: «What the Mediterranean Sea was to the Greeks, breaking the bond of custom, offering new experiences, calling out new institutions and activities, that, and more, the ever retreating frontier has been to the United States directly, and to the nations of Europe more remotely»[11].

7. Ver comentários em: Lewis, A. e Macgann, T., 1963 ; Fohlen, C., 1965 ; Weber, D. e Rausch, J., 1994 ; Slotkin, R., 1992; Slotkin, R., 1998.

8. Lattimore, O., 1962.

9. Monbeig, P., 1952 citado por Osorio Silva, L., 2003.

10. Osorio Silva, L., 2003.

11. Turner, F.J., 1893.

Colonização grega no sul da Itália

Na transferência de conceitos modernos para a interpretação da história antiga, é o seu caráter dinâmico que mais interessa. Esse trabalho se baseia na análise detalhada de um caso de estudo para propor, de certa forma, o mesmo processo dinâmico da conquista do Oeste americano.

Na verdade, o uso do conceito de *frontier history* para o estudo das colônias gregas no sul da Itália foi proposto pela primeira vez por M. I. Finley e E. Lepore durante um congresso em 1967.

No encalço do início das pesquisas sobre o território das cidades-Estados gregas, o congresso de Taranto de 1967[12], foi o primeiro momento para o desenvolvimento de uma visão geral e completa a respeito do território das cidades-Estados gregas no sul da Itália. A década de 1960 foi de fato um momento privilegiado nesse sentido, quando estudiosos tentavam definir explicações gerais para diversos aspectos das sociedades antigas e começaram a utilizar uma abordagem mais conceitual, deixando de lado o objetivo de uma erudi-

12. La città e il suo territorio, 1967. Ver comentário: Pollini, A., 2006, p 37-56.

ção exaustiva no tratamento das fontes literárias. Dados arqueológicos começaram a ser usados como um meio para ter acesso a outros tipos de fontes, alargando as interrogações e as possíveis respostas. Assim, a história antiga, bem mais tarde que os demais períodos históricos, começou a considerar conceitos vindos das ciências sociais, sobretudo da antropologia e da sociologia. Uma figura de ponta é obviamente Moses I. Finley, que concebeu modelos, inspirados pelo "tipo-ideal" de Max Weber, com o objetivo de explicar não tão somente um caso singular, mas todo um conjunto de exemplos, usando uma abstração daquelas realidades para apreender os elementos mais característicos. Em relação às colônias gregas do sul da Itália, E. Lepore foi o representante mais importante desse movimento de construção de modelos gerais[13].

E. Lepore reconhecia a grande dificuldade para definir os limites do território de uma cidade colonial grega, principalmente pela exiguidade dos relatos escritos, sobretudo epigráficos. Ele foi o primeiro a analisar a história dos limites das colônias gregas[14] e seu tema de estudos passou a ter muito mais visibilidade recentemente[15]. De acordo com E. Lepore, o estudo dos limites da ocupação de um território pelos colonos gregos e suas relações com os nativos ganharia bastante com uma abordagem inspirada pelo conceito de *frontier history*. De fato, a colonização grega na Itália meridional seria a história de uma conquista progressiva, onde o território seria considerado disponível antes da chegada dos gregos[16]. O território onde os colonos se instalaram nunca foi "deserto", mas não havia nem população grega nem as formas gregas de civilização, como a divisão das terras em lotes. Por conseguinte, a linha de fronteira é fluida e se move com o tempo. Além de uma breve referência a Síbaris, uma colônia grega fundada no final do século VIII a.C. na atual Calábria, E. Lepore não considera nenhum caso específico para reforçar sua proposta. As três perguntas que ele propõe, quais sejam, a ocupação da terra, sua demografia e o estatuto social dos nativos, não podem ser respondidas diretamente por causa da raridade dos testemunhos escritos. Entretanto, insistindo na cultura material dos sítios arqueológicos rurais, o objetivo do presente trabalho é tentar contribuir para avançar e mostrar como um caso de estudo pode reforçar a pertinência da aplicação do conceito de *frontier history* no contexto da colonização grega no Ocidente.

13. Ver um curto comentário sobre seus trabalhos em: Andreau, J. e Schnapp, A., 2000, p 7-15.

14. Lepore, E., 1967, p 42.

15. Ver comentário de M. Bats em seu artigo sobre Massalia (Marselha): Bats, M., 2000, p 491-512.

16. As expressões usadas pelos gregos antigos eram: *ἔρεμος χώρα*, *ὀυδένεια τῶν ἀνθρωπόν* ou mesmo *ὀλιγανθρωπία*, *cf.*: Lepore, E., 2000b, p 55. Ver Platão, *Leis*, IV, 704c, quando Kleinias diz: « *Οὐ πάτυ, διὸ καὶ κατοικίζεται· παλαιὰ γάρ τις ἐξοίκησις ἐν τῷ τόπῳ γενομένη τὴν χώραν ταύτην ἔρημον ἀπείργασται χρόνον ἀμήχανον ὅσον.* », « Absolutamente nenhum, e é esta precisamente a razão para fundar esse Estado pois tendo ocorrido um êxodo nessa região outrora, essa se encontra desde há muito tempo deserta », trad. Edson Bini, São Paulo, Edipro, 1999.

Tratando-se de santuários estabelecidos no meio rural, pode-se apreender as relações entre a organização do território e os limites de uma cidade-Estado grega. Desde G. Vallet[17], ou até mesmo desde a insistência de N. Fustel de Coulanges[18] nas implicações da esfera sacra para as sociedades antigas, estes santuários fora do centro urbano adquiriram uma grande relevância para o estudo de uma cidade-Estado grega. Seguindo uma perspectiva inspirada pelas teorias de J. P. Vernant e P. Vidal-Naquet, o trabalho de F. de Polignac[19] representa a mais importante contribuição relativamente recente para o estudo desses santuários rurais. Esses sítios também funcionavam como centros para as trocas comerciais e culturais[20], facilitando os contatos entre gregos e nativos[21], ao mesmo tempo em que transferiam produtos gregos de prestígio para as elites locais. Locais de culto podem assim ser interpretados como sendo um testemunho material de um processo de reciprocidade nos contatos entre colonos e nativos[22].

Pós-colonial?

Este tema da reciprocidade dos contatos entre colonos e nativos é a questão principal da maioria dos estudos pós-coloniais. A propósito desses contatos, o primeiro e mais importante avanço foi a introdução do conceito de aculturação[23]. A transposição desse conceito para o estudo da colonização grega na Itália meridional não é uma novidade. S. Gruzinski e A. Rouveret foram os pioneiros e será suficiente referir-se àquele estudo, mesmo se muito foi feito desde então[24]. De acordo com a definição original da aculturação e com as possibilidades de sua aplicação no contexto colonial grego do sul da Itália, este fenômeno envolve o contato entre duas culturas, uma delas sendo considerada como dominante sobre a outra. A cultura dominada, através de contatos entre sociedades de força desigual, adota aspectos culturais da outra: há a possibilidade de mudança expressiva, de assimilação e de disseminação de elementos culturais de uma sociedade dominante em direção à outra, dominada. Não se pode deixar de notar a presença de diversos fenômenos de resistência ou de recusa.

Na segunda metade da década de 1990, a mais importante nova abordagem para as interpretações de dados arqueológicos em contexto de interação cultural é, sem nenhuma dú-

17. Vallet, G., 1967, p 67-142.

18. Fustel de Coulanges, N., 1984.

19. De Polignac, F., 1995.

20. De Polignac, F., 1994, p 3-18.

21. Torelli, M., 1977, p 45-61.

22. Torelli, M., 1977, p 57 : « La struttura abitativa pagano-vicanica è strettamente connessa con tale dislocazione dei luoghi di culto, nei quali la motivazione prima dell'insediamento sacro, la sorgente e la situazione favorevole della rete viaria, origina anche una serie di momenti di carattere collettivo, la festa, il teatro (come documentano gli esempi più tardi e monumentali), la fiera, il mercato, in ultima analisi tutte le manifestazioni di natura sociale che nelle strutture urbane trovano loro sede naturale all'interno della città. (…) Tutto questo dimostra che tali luoghi di culto, lungi dall'essere centri di occasionale *pietas* spontanea e popolare, sono strettamente collegati con il funzionamento complessivo delle strutture economiche, sociali e politiche ». Ver também Guzzo, P.G., 1987a, p 475-526. Sobre o tema dos santuários de fronteira, ver a discussão a respeito dos sítios extra-urbanos da Calábria: Guzzo, P.G., 1987b, p 373-379. Asheri, D., 1988, p 1-5 ; Pugliese-Carratelli, G., 1988, p 149-158 ; Pugliese-Carratelli, G., 1990, p 137-142 ; Greco, G., 1999, p 231-247 ; Ampolo, C., 1992, p 25-28.

vida, a introdução do conceito de *ethnicity*[25]. Para a definição do termo e dessa perspectiva de análise, será conveniente usar o trabalho de S. Jones[26], que faz parte do arcabouço teórico anunciado no World Archaeological Congress (WAC)[27] e que se focaliza nos componentes políticos de toda pesquisa que utiliza o conceito de *ethnicity*[28].

A principal crítica que podemos formular a esta abordagem[29] é direcionada ao foco no aspecto étnico como a principal chave de leitura[30], que não é necessariamente o mais apropriado para comunidades cujas identidades ainda não estão inteiramente conceitualizadas no momento dos primeiros contatos. Não é necessário aprofundar aqui que a definição de certa identidade grega não se forma antes das guerras contra os persas e, no que diz respeito aos gregos do Ocidente, da batalha contra os cartagineses em Himera na Sicília, ambas datadas em 480 a.C.[31]. A proposta aqui é mudar o debate e tentar uma compreensão dessas comunidades não a partir de um aspecto étnico, mas sim a partir de suas dimensões políticas e sociais[32].

A história contemporânea também é em grande parte responsável por uma mudança de perspectiva no estudo de contextos coloniais. A descolonização e a queda dos regimes socialistas influenciaram bastante a percepção da colonização antiga. Nesse contexto, houve certa emancipação de certos tabus, especialmente aqueles relacionados ao colonialismo e à má consciência de diversos países. Essa nova maneira de se interpretar contextos coloniais é chamada pós-colonialismo. Um congresso internacional organizado na Austrália em 1990 pode ser considerado como um ponto de partida essencial para a introdução dessa nova perspectiva nos estudos de história grega antiga[33].

Entretanto, deve-se sublinhar em primeiro lugar a grande variedade de abordagens que podem ser agrupadas nesse termo bastante vago de "pós-colonial"[34]. O termo veicula duas ideias diferentes. De um ponto de vista estrito, ele faz referência a uma suposta nova era, um período posterior ao processo de descolonização[35]. Nesse sentido, pode-se imaginar que "pós-colonial" se refere a uma nova forma de políticas coloniais e de imperialismo internacional, que teria emergido depois da independência da maioria das áreas coloniais. Por outro lado, o termo também pode veicular um sentido ideológico, como o de "tomar o lugar de algo". Além disso, pode-se estabelecer uma oposição entre colonial e pós-colonial, atribuindo ao último um sentido de tudo aquilo que é contrário

23. Redfield, R., Linton, R., et al., 1936, p 149-152.

24. Gruzinski, S. e Rouveret, A., 1976, p 159-219.

25 Dentre as diversas definições possíveis, (*cf.* Meskell, L., 2001, p 189), S. Jones parece ser quem mais insiste no caráter dinâmico da definição da identidade: Jones, S., 1997. Ver também: Hall, J.M., 1997 ; Hall, J.M., 2002 ; Malkin, I., 2001 ; McInerney, J., 1999 ; Hansen, M.H., 1996.

26. « Ethnicity is a multidimensional phenomenon constituted in different ways in different social domains. Representations of ethnicity involve the dialectical opposition of situationally relevant cultural practices and historical experiences associated with the different cultural traditions. Consequently there is rarely a one-to-one relationship between representations of ethnicity and the entire range of cultural practices and social conditions associated with a particular group. », Jones, S., 1997, p. 100.

27. Funari, P.P.A., Hall, M., et al., 1999.

a colonial. Esta última interpretação se baseia principalmente nos diversos movimentos de resistência colonial.

Nesse sentido, um caso especial a ser discutido consiste no conceito de hibridização (*hybridization*), bastante utilizado pela literatura pós-colonial. L. Amselle mostrou como seria impossível tratar da miscigenação sem cair na armadilha de um vocabulário racista nos discursos científicos, contemporâneos dos impérios coloniais do século XIX[36]. Ao mesmo tempo em toda América latina hoje em dia, estamos perante a uma desconstrução dos mitos da miscigenação, com muitos especialistas que enfatizam a matriz ideológica deste vocabulário desenvolvido pelas potências coloniais. A distinção entre uma cultura de contato (*culture contact*) e colonialismo é essencial para a arqueologia norte-americana. Recentemente, S. W. Silliman sublinhou a tendência geral de misturar esses dois conceitos que são na verdade distintos[37]. Essa distinção se faz em oposição à ortodoxia atual, não para negar o peso e a incidência da colonização, mas ao contrário para redefinir o espectro epistemológico, contra sua degradação pela historiografia pós-colonial atual.

Há certa coincidência cronológica com o apogeu das teorias pós-estruturalistas francesas e, desde os anos 1980, com a abordagem da arqueologia pós-processual. A partir desse ponto de vista, é interessante sublinhar que o sucesso dos estudos pós-coloniais em países anglófonos (Estados Unidos, Austrália e Reino Unido) é contemporâneo de um relativo desinteresse ou discriminação na Europa continental, e mais especificamente na França. Em relação ao mundo grego, o principal tema de estudo se refere à "identidade" grega[38].

O debate se concentrou em alguns poucos temas. Na historiografia anglófona, I. Malkin continuou tentando definir a percepção grega deles mesmos e de sua pretendida "identidade". A literatura recente tenta questionar mais profundamente a formação e a evolução de certa identidade grega[39]. Por um lado, pode-se dizer que os gregos dos séculos V e IV a.C. cristalizaram progressivamente a definição de sua identidade por intermédio de uma oposição binária entre gregos e não-gregos, com a atribuição tardia de uma noção pejorativa ao termo "bárbaro". Por outro lado, porém, os gregos em contexto colonial, assim como durante a época helenística, entraram em contato direto com outras sociedades, integrando uma definição mais dinâmica de sua própria cultura, considerando também as possibilidades de transferência cultural entre comunidades distintas[40].

28. O debate sobre a identidade étnica se desenvolveu desde a década de 1970; no sul da Itália, ver o primeiro Congresso de Taranto, que trata das relações entre gregos e nativos (1961): Greci e Italici in Magna Grecia, 1961. Entretanto, teorias de etnicidade (*ethnicity*) (*cf.* Barth, F., 1969) só foram aplicadas para o estudo da história antiga grega a partir do livro de Hall, J.M., 1997, seguido em 2002 pelo conceito de "*hellenicity*": Hall, J.M., 2002. Ver também: Malkin, I., 2001; Confini e frontiera nella grecità d'Occidente, 1997; Hales, S. e Hodos, T., 2010. Na França, essa perspectiva é ainda bastante marginal: Luce, J.-M., 2007; Ruby, P., 2006, p 25-60; Müller, C. e Prost, F., 2002.

29. Essas críticas foram formuladas a partir de uma estreita colaboração com Arianna Esposito, da Universidade da Borgonha, Dijon. *Cf.* Esposito, A. e Pollini, A., 2013d (no prelo); Esposito, A. e Pollini, A., 2013b (no prelo); Esposito, A. e Pollini, A., 2013c (no prelo); Esposito, A. e Pollini, A., 2013e (no prelo); Esposito, A. e Pollini, A., 2013a (no prelo).

30. Antonaccio, C.M., 2010, p 32-53; Bats, M., 2007, p 235-242.

31. Ver em especial: Pontrandolfo, A. e Rouveret, A., 1983, p 1051-1066.

Se, de um lado, analisamos os gregos a partir de seus escritos, por outro lado, houve um interesse crescente pela observação dos elementos autóctones por intermédio da arqueologia em contextos coloniais. Até pouco tempo atrás, esses nativos eram quase totalmente ausentes da literatura anglófona, mesmo se seu papel já havia sido amplamente reconhecido pela historiografia nacionalista italiana: podemos ressaltar, com objetivos obviamente diferentes, as obras de E. Pais, seguido pelos estudiosos das comunidades antigas da Itália meridional, enfim pelos arqueólogos marxistas[41]. Em relação à historiografia dos povos indígenas no sul da Itália, podemos identificar duas abordagens alternativas. Primeiramente, uma que podemos chamar de "difusionista", que foi predominante entre as décadas de 1970 e parte de 1980. Esta enfatizava o papel das influências externas vindas do Mediterrâneo, através da colonização grega. Foi o momento de apogeu de expressões tais como "penetração grega", "eixos de penetração", fazendo sistematicamente uma oposição entre o litoral e o interior, entre gregos e nativos.

A partir do final dos anos 1980 e mais intensamente nos últimos quinze anos, uma segunda abordagem se desenvolveu. A maioria dos especialistas reconhece a importância dos processos locais de longa duração, que começam desde a idade do Bronze, e principalmente entre o final da idade do Bronze e o início da idade do Ferro. Duas regiões constituem as zonas privilegiadas dessas análises: a planície de Síbaris e a península de Salento (atual Puglia)[42].

Nesse contexto, parece certo que, tendo em consideração algumas precauções metodológicas, pode-se tratar o que os gregos chamavam de *apoikiai* como sendo um contexto de colonização. M. Finley e E. Lepore já haviam proposto uma série de ideias e de critérios para a interpretação da colonização grega[43]. Por outro lado, certa literatura anglófona insiste no anacronismo e na ambiguidade na utilização desse vocabulário colonial[44]. O problema se refere à ideia segunda a qual o deslocamento de grandes contingentes de populações gregas na época arcaica seria feito de modo organizado pelas metrópoles. Aqui a questão cronológica é essencial. Não temos condições de determinar de modo certo a cronologia da emergência da cidade-Estado grega como fenômeno político, como uma forma peculiar de organização de uma comunidade. As pesquisas arqueológicas mais recentes tendem a mostrar

32. Boissinot, P., 2005, p 13-43; Mercuri, L., 2010, p 695-700.

33. Descoeudres, J.-P., 1990.

34. Atualmente, o uso desse termo é principalmente associado às perspectivas de autores como Edward Said, Homi K.Bhabha, Gayatri Spivak, ou mais recentemente, por Stuart Hall, Paul Gilroy, Arjun Appadurai e James Clifford.

35. Loomba, A., 2005.

36. Amselle, J.-L., 2002, p. 239-333 (p. 330): "il serait impossible de parler de métissage sans tomber dans le piège du vocabulaire racialisant et raciste des discours scientifiques, contemporains des Empires coloniaux du XIX^{e} siècle". Ver também nossa própria discussão a respeito da miscigenação: Esposito, A. e Pollini, A., 2013b (no prelo).

37. Silliman, S.W., 2005, p. 55-74.

38. Hall, J., 2012, p. 19-34.

39. Hall, J., 2007, p. 337-354.

40. Cf. Lomas, K., 2004, p. 475-498, p. 476.

41. Ver comentários em: Esposito, A. e Leo, G., 2006, p 621-642. Sobre a literatura anglófona, ver Whitehouse, R. e Wilkins, J., 1989, p. 102-137; este volume foi publicado como resultado do congresso do primeiro World Archaeological Congress (WAC-1) de Southampton em 1986.

42. Ver os trabalhos de R. Peroni e seus alunos: *Cf.* Peroni, R., 1989.

43. Finley, M.I., 1976, p. 167-188; Lepore, E., 2000a, p. 29-87. Ver também o prefácio e a introdução ao volume por E. Greco e M. Lombardo.

44. Ver em especial: Osborne, R., 1998, p 251-269 ; Yntema, D.G., 2000, p 1-49 ; e um número especial da revista *Ancient West and East* dedicado a esse debate, em particular: Greco, E., 2011, p 233-242 ; Domínguez, A.J., 2011, p 195-207.

45. Ver comentário em: Hellmann, M.-C., 2010, p 183-186.

reagrupamentos de edifícios independentes uns dos outros já em uma época bastante antiga, desde o século IX a.C. O exemplo mais importante se encontra em Zagora, na ilha de Andros, nas Cícladas[45]. Os vestígios arqueológicos obviamente não permitem atribuir qualquer caráter preciso da organização política das populações que ocupavam aqueles locais, e assim o campo fica aberto para muitas interpretações. Alguns especialistas veem nesses vestígios um estado embrionário da organização de comunidades independentes e autônomas, ou seja, a cidade-Estado, *polis* em grego. Esses pesquisadores, que atribuem um caráter organizado e desenvolvido para as comunidades gregas desde as épocas mais remotas, não têm dificuldades para imaginar que essas mesmas comunidades seriam capazes de organizar uma expedição colonial além-mar. Outros, porém, questionam a capacidade dessas comunidades a organizar uma empresa tão complexa quanto o envio de um contingente importante de pessoas. R. Osborne interpreta as primeiras mobilidades dos gregos no Mediterrâneo no século VIII a.C. como sendo o resultado de escolhas individuais e não de decisões tomadas pelas comunidades políticas na metrópole. Em resposta às afirmações de R. Osborne, podemos argumentar que o envio de um grupo de pessoas devia contribuir a definir, na metrópole, aqueles que tinham e aqueles que não tinham direito à cidadania, o que equivale ao sentido original da cidade-Estado, uma comunidade de cidadãos. Um exemplo preciso deve bastar para sustentar essa ideia, a lenda de fundação de Taranto segundo Estrabão (VI, 3, 2). Segundo o relato, os esparciatas, depois de longos anos de conflitos militares para conquistar a região vizinha da Messênia no Peloponeso, retornam a Esparta e expulsam os filhos ditos ilegítimos, filhos originados nas relações entre mulheres esparciatas e homens que não tinham o estatuto de cidadãos. Na medida em que esses indivíduos são filhos de esparciatas, uma solução consiste no envio de uma expedição para fundar uma nova cidade-Estado, ou seja, uma nova comunidade onde esses homens, considerados ilegítimos na metrópole, podem adquirir o estatuto de cidadãos. É justamente o envio da expedição que, em um movimento dialético, define os critérios da cidadania, tanto na metrópole quanto na colônia, criando assim as bases da *polis* grega em ambos os contextos, metropolitano e colonial.

Obviamente, as fontes escritas gregas estão condicionadas por seu caráter tanto fragmentário quanto tardio, o que

as torna muito difíceis de interpretar. Contrariamente ao que afirma R. Osborne, essas dificuldades não devem levar a uma atitude hiper-crítica que descarta completamente estas fontes tardias. O que podemos sublinhar é o resultado bastante discutível dessa nova abordagem da literatura anglófona: a transformação da colonização em uma operação neutra, realizada com a colaboração das populações locais em um ambiente largamente pacífico. Este seria baseado em diversas formas de interação e integração entre as populações em contato, levando a situações regulares de coexistência e coabitação multiétnica. Se não se deve substituir um modelo único por outro, tão enviesado quanto o anterior, um efeito positivo é o reconhecimento de diversos fenômenos de mobilidade individual e formas de coexistência e gerenciamento negociado, como nos casos da região de Síbaris, em L'Amastuola (Taranto) e em Incoronata (Metapontum).

Nos desenvolvimentos mais recentes, diversos conceitos tomados da antropologia e de outras ciências sociais, como inter-culturalidade (*interculturality*), creolização (*creolization*), identidade periférica (*peripheral identity*) ou transferência cultural (*cultural transfer*)[46] tiveram contribuições de peso na literatura arqueológica: todas enfatizam a importância das trocas culturais entres gregos e não-gregos, todas insistem na reciprocidade dos contatos, na vontade e na habilidade em imitar modelos gregos, com graus variáveis de dificuldade e sucesso, mas também com alguma liberdade[47]. Mesmo se podemos apreender alguns exemplos de interações provavelmente pacíficas entre gregos e não-gregos, como os casos de Pithekoussai[48], Zankle (Tucídides, VI, 4, 5-6), Megara Hyblaea (Tucídides, VI, 4, 1) ou Lipari (Diodoro Sículo, V, 9, 3-5), não se pode fazer deles um modelo geral. Nesse caso, estaríamos adotando uma perspectiva enviesada que simplesmente substitui um modelo enviesado precedente por outro, mudando de "invasão"[49] para "coabitação"[50].

Algumas novas abordagens, entretanto, devem ser consideradas um pouco mais detalhadamente. Primeiro, a definição de *middle ground*, como foi utilizada por Irad Malkin para a análise da complexa situação na Campânia durante o início da época arcaica[51], um conceito tomado do historiador americano Richard White[52]:

46. Hansen, M.H., 1996 ; Knapp, A.B. e Voskós, A.I., 2008 ; McInerney, J., 1999; Van Dommelen, P., 2006, p 104-124. Sobre as transferências culturais (*cultural transfer*), ver dentre outros: Turgeon, L., Delâge, D., et al., 1996.

47. Dentre publicações recentes, ver: Lyons, C.L. e Papadopoulos, J.K., 2002; Spatafora, F. e Vassallo, S., 2006; Tréziny, H., 2010.

48. Mele, A., 2003, p 13-39.

49. Lyons, C.L. e Papadopoulos, J.K., 2002; Gosden, C., 2001; Gosden, C., 2004; Colonie di colonie. Le fondazioni sub-coloniali greche tra colonizzazione e colonialismo, 2006.

50. *Cf.* Osborne, R., 1998, p 251-269; Owen, S., 2005, p 5-22.

51. Malkin, I., 2002, p 151-181.

52. White, R., 1991, p 50.

> On the Middle Ground diverse peoples adjust their differences through what amounts to a process of creative, and often expedient, misunderstandings. People try to persuade other who are different from them by appealing to what they perceive to be the values and practices of those others. They often misinterpret and distort both the values and the practices of those they deal with, but from these misunderstandings arise new meanings and through them new practices – the shared meanings and practices of the Middle Ground.

Dessa forma, o conceito de *middle ground* diz respeito a um espaço de interface, "*an in-between - between cultures, between nations*", um espaço que é, ao mesmo tempo, geográfico, político e social. Ele designa um processo dinâmico no qual nenhuma comunidade é hegemônica sobre as demais. Se essa interpretação pode talvez ser válida para a região da Campânia nos séculos VIII e VII a.C., ela não parece relevante para as colônias aqueias, como Sibari, analisada logo abaixo.

A partir de um ponto de vista metodológico, uma abordagem crítica provém da Arqueologia histórica[53]. Originalmente desenvolvida para analisar a sociedade americana formada depois da conquista dos europeus, as áreas de interesse da arqueologia histórica se estenderam a outros contextos. Esta postura convida arqueólogos, por um lado, a confrontar cultura material e textos[54], sem uma hierarquia entre esses dois tipos de fontes[55], e, por outro lado, a desconstruir a literatura arqueológica com um método de interpretação de texto, analisando cada detalhe separadamente, depois recolocando tudo junto novamente, reconstruindo assim uma compreensão nova e mais profunda. O principal aspecto da abordagem através da arqueologia histórica é a análise de questões como a exploração de classes, as diferenças de status e os estudos de gênero. Em suma, a ênfase é dada nas relações de poder entre grupos sociais e indivíduos, nos mecanismos de dominação e resistência[56]. A esse respeito, é cada vez mais reconhecido que a cultura material permite alguma compreensão das classes sociais mais baixas, especialmente através da análise fina dos objetos do cotidiano, incluindo as cerâmicas[57].

Nesse sentido, um aspecto muito interessante foi enfatizado pelos estudos do que podemos chamar de "vozes subalternas" (*subaltern voices*)[58]. Assim, com uma massa de dados relativamente ampla e uma boa definição do contexto histórico,

53. Orser Jr, C.E., 2000; Funari, P.P.A., 1999

54. Funari, P.P.A., 1999, p 57; Funari, P.P.A., Zarankin, A., et al., 2005. See also: Meskell, L., 2001, p 187-213; Lawrence, S. e Shepherd, N., 2006, p 71.

55. Small, D.B., 1995a, p 4-5; Small, D.B., 1999, p 122-136; Dyson, S., 1995, p 25-44; Johnson, M.H., 1999, p 23-36. Para uma menção específica à arqueologia grega, ver: Ober, J., 1995, p 91-123; Small, D.B., 1995b, p 143-174.

56. Ver a perspectiva da "*Third wave feminists*": Meskell, L., 2001, p 192-194; ou sobre a aplicação dos estudos de gênero em história: Scott, J.W., 1986, p 1053-1075.

57. *Cf.* Lawrence, S. e Shepherd, N., 2006, p 75; especialmente relacionado com os movimentos coloniais dos gregos, fenícios e romanos, ver: Cunliffe, B., 2006, p 317. Ver também nossos próprios comentários: Esposito, A. e Pollini, A., 2013d (no prelo); Esposito, A. e Pollini, A., 2013a (no prelo). Para um comentário sobre possíveis formas de "standardização" dos objetos cerâmicos, ver Esposito, A. e Zurbach, J., 2013.

58. Hall, M., 1999, p 193-203; Gosden, C., 2004.

é possível identificar semelhanças e diferenças nessas fontes. Uma perspectiva que parece promissora é aquela que se focaliza nos conflitos ao invés das convergências. Homi Bhabha[59] já mostrou como formas hegemônicas de controle necessitam de repetição e de diferenciação para serem efetivas: o processo de repetição introduz incertezas e pânico, enquanto que o estabelecimento de diferenciação aumenta os contrastes; o resultado é a ambivalência. A superioridade cultural de um indivíduo que detém o poder requer repetição constante. Assim, é no caso de ambivalências, onde as diferentes fontes a nossa disposição são contraditórias e levam à quase impossibilidade de uma interpretação clara, que podemos compreender as vozes subalternas, aquelas classes sociais subordinadas, assim como as relações de poder que as mantêm onde estão.

59. Bhabha, H.K., 1994.

Devemos assim focalizar nas práticas e nas relações de poder dos atores sociais ao invés de nos referirmos somente às entidades culturais, cuja construção é particularmente problemática.

Enfim, a última abordagem teórica desenvolvida recentemente constitui a aplicação do modelo das redes (*networks*, *réseaux*), sobretudo na sua concepção conhecida pela expressão dos "seis graus de separação". Podemos utilizar aqui a definição de I. Malkin para a transposição desse modelo matemático para a história antiga:

> In sum, we can now see a convergence for a revitalized interest in networks as applied to collective identities with commonalities that take into account enormous distances, lived experience, and historical continuities; new prisms for historiographical research and historiographical paradigms of structures and connectivity ; a changing *Zeitgeist* of economy and cultural politics ; a globalized-glocalized world, and a new framework of post-modern agenda that is network oriented. It is a relevant approach, I think, to the Archaic Greek world.

Segundo a teoria do *Small World*, a adição de um pequeno número de nós de maneira aleatória provoca uma redução considerável na distância entre duas extremidades da rede: quanto mais nós existem, "menor" será a rede.

> What is more strinking about the work of Watts and Strogatz is their claim that both the natural and artificial worlds (for example, the neutral network of the worm C. elegans and

modern power grids) exhibit small-world properties. This is a claim that network principles are universal, provided the networks are dynamic and are in a state of neither total order nor complete randomness.[60]

Se este modelo pode eventualmente funcionar para a análise de grandes movimentos no Mediterrâneo, sua aplicação para o estudo de fenômenos mais precisos, e em particular apoiados em fontes arqueológicas, é muito problemática[61].

Síbaris

Depois desta parte metodológica, é preciso analisar os vestígios arqueológicos e a cultura material. Para isso, vamos utilizar um caso de estudo, a cidade de Síbaris (*Σύβαρις*).

Um discurso sobre Síbaris e seu território se baseia e é, de certa forma, condicionado pelas fontes literárias disponíveis[62]. Em primeiro lugar, é conveniente relembrar um trecho de Estrabão. O geógrafo-historiador afirma que a cidade possuía tal fortuna que ela podia comandar quatro nações vizinhas, ter com súditas vinte e cinco cidades e ter 300.000 homens na batalha contra os crotoniatas; com suas habitações preenchia ao todo uma área de 50 estádios em torno do rio Crathis.[63]

No mesmo sentido dessa passagem, também possuímos a informação de Diodoro Sículo sobre a concessão da cidadania de Síbaris. Diz o historiador que a cidade concedia generosamente o direito de cidadania, que ela teve tanto progresso que seus habitantes eram conhecidos como os mais poderosos de todos os habitantes da Itália, e que sua população abundante garantia tal superioridade numérica que a cidade compreendia 300.000 cidadãos.[64] Com a combinação da tradição literária e dos vestígios materiais, certos especialistas utilizam a expressão "império de Síbaris", a partir do sentido antigo do termo grego "*ἀρχή*", para se referir ao seu território e às suas relações com os povos indígenas do interior das terras[65].

A pesquisa arqueológica no território de Síbaris não é suficientemente desenvolvida para termos um panorama completo da ocupação das terras pelos colonos aqueus[66]. Entretanto, os sítios de Francavilla Marittima e de Amendolara foram escavados de maneira sistemática há diversos anos e constituem duas fontes importantes para a interpretação do

60. Malkin, I., 2011, p 15.

61. Capdetrey, L., 2012, p iii.

62. Greco, E., 1992b, p 465. O conjunto das fontes literárias sobre Síbaris foi estudado detalhadamente por Bérard, J., 1957, p 140-151. O território de Síbaris é o tema de pesquisas da tese de doutorado de Leo, G., 2010; e de Esposito, A., 2005. Agradeço a generosidade de ambas em ter disponibilizado os resultados preliminares de seus estudos ainda inéditos.

63. Estrabão, *Geografia*, VI, 1, 13: « *Τοσοῦτον δ'εὐτυχίᾳ διήνεγκεν ἡ πόλις αὕτη τὸ παλαιόν, ὡς τεττάρων μὲν ἐθνῶν τῶν πλησίον ὑπῆρξε, πέντε δὲ καὶ εἴκοσι πόλεις ὑπερκόους ἔσχε, τριάκοντα δὲ μυριάσιν ἀνδρῶν ἐπὶ Κροτωνιάτας ἐστράτευσαν, πεντήκοντα δὲ σταδίων κύκλον συνεπλήρουν οἰκοῦντες ἐπὶ τῷ Κράθιδι.* »

64. Diodoro Sículo, *Biblioteca histórica*, XII, 9, 2: « *Πολλοῖς δὲ μεταδιδόντες τῆς πολιτείας ἐπὶ τοσοῦτο προέβησαν, ὥστε δόξαι πολὺ προέχειν τῶν κατὰ τὴν Ἰταλίαν οἰκούντων, πολυανθρωπίᾳ τε τοσοῦτο διήνεγκαν, ὥστε τὴν πόλιν ἔχειν πολιτῶν τριάκοντα μυριάδας.* »

65. Greco, E., 1992b, p 459-485.

modo de ocupação do território pelos colonos de Síbaris e das relações entre colonos e populações locais. Os dados arqueológicos mostram que as populações instaladas em diversas localidades do território da cidade estavam já em contato com o elemento grego antes da fundação da cidade de Síbaris[67].

Com a fundação aqueia, o desaparecimento, ou ao menos a rarefação, da presença indígena nas necrópoles indicaria uma relação provavelmente conflituosa entre os novos e os antigos ocupantes da planície de Síbaris. Observa-se uma interrupção clara da ocupação destes sítios a partir do último quarto do século VIII. Os dois casos mais importantes são, como dissemos, Francavilla Marittima e Amendolara.

O sítio de Francavilla Marittima[68] concentra a maior parte dos dados disponíveis sobre Síbaris, tanto a necrópole de Macchiabate quanto o santuário de Timpone della Motta, o mais conhecido de Síbaris. A necrópole datada da idade do Ferro na localidade Macchiabate apresenta uma diminuição expressiva do número de tumbas indígenas posteriores a 720 a.C. Os poucos núcleos ainda presentes, em Uliveto e em Temparella, mostram unicamente tumbas femininas ou pertencentes a crianças, com uma ausência absoluta de elemento masculino nessas tumbas. M. Osanna propôs que se trate da incorporação do elemento feminino indígena na sociedade grega de Síbaris enquanto mão-de-obra dependente doméstica ou então no quadro dos casamentos mistos. Essa questão remete ao debate a respeito da integração ou não de mulheres indígenas nas sociedades coloniais da Grande Grécia[69]. Um segundo aspecto da conquista grega é perceptível pelo abandono total das cabanas proto-históricas encontradas na zona do habitat ao sul da Motta.

Em um segundo momento, a partir do início do século VI, os dois sítios parecem ser utilizados pelos colonos e mostram tumbas masculinas com depósitos tipicamente gregos, com exceção de uma tumba (Temparella, n° 25) que comporta uma ponta de lança atribuída à tradição indígena. No sítio de Uliveto, as tumbas mais recentes se encontram na mesma zona das mais antigas, sem qualquer respeito da necrópole indígena precedente.

A dominação grega é mais fortemente representada pelo estabelecimento de um santuário no topo de uma colina, em Timpone della Motta. A cerâmica mais antiga é coeva das primeiras atestações do centro urbano de Síbaris, no último quarto do século VIII, principalmente as copas (*kylix*) de tipo *Thapsos*.

66. Nossos breves comentários sobre os sítios arqueológicos de Síbaris se inspiram no estudo de M. Osanna: Osanna, M., 1992, p 115-153 e fichas topográficas n° 1-40, p. 155-166. Ver também nossos próprios comentários em: Pollini, A., 2014 (em curso de publicação). Não tratamos aqui da região depois da derrota de Síbaris em 511-510 a.C., nem do território da colônia de Thourioi.

67. Le genti non greche della Magna Grecia, 1971 ; Magna Grecia e il mondo miceneo, 1982. Ver também: Esposito, A., 2005; Esposito, A. e Zurbach, J., 2013.

68. Sobre o sítio de Francavilla Marittima, ver em especial: Osanna, M., 1992, p 159-161, n° 19 ; Genovese, G., 1999, p 31-42; Maaskant-Kleibrink, M., 1996, p 198-203Maaskant-Kleibrink, M. e Sangineto, M., 1998, p 1-60; Maaskant-Kleibrink, M., 2005, p 754-772; Maaskant-Kleibrink, M., Barresi, L., et al., 2012; Jacobsen, J.K. e Handberg, S., 2010; Wielen, F.v.d. e De Lachenal, L., 2007; Wielen, F.v.d. e De Lachenal, L., 2008.

O santuário da Motta parece ser o lugar sagrado extra-urbano mais importante da cidade, onde, ao todo, os vestígios de cinco edifícios de época grega foram encontrados. A análise das funções do santuário não é fácil, posto que ele não parece entrar na categoria de um "santuário de fronteira"[70]. Ele seria mais provavelmente um sítio que marca a tomada do território pelos gregos, ao mesmo tempo em que as oferendas de tipo indígena indicam uma utilização também pelas populações locais. Por conseguinte e a partir dos dados arqueológicos do santuário, parece que as relações entre gregos e nativos eram muito mais nuançados que uma simples conquista seguida de exterminação dos homens e sujeição das mulheres. A esfera sacra mostra relações complexas e sutis entre os diferentes elementos em contato.

A análise dos dados arqueológicos do território de Síbaris mostra uma ausência de ocupação grega além do sítio de Francavilla em direção das montanhas do noroeste. Em todo caso, a interpretação proposta por M. Osanna[71] a propósito de Francavilla é de uma distinção entre os limites perceptíveis da ocupação grega e a definição de uma fronteira. Entretanto, essa ausência grega além de Timpone della Motta deve ser nuançada. Um argumento *ex absentia* deve sempre ser tomado com muita prudência, sobretudo quando se trata da presença de populações diferentes em contexto colonial.

Na definição da fronteira, as fontes escritas e os conhecimentos históricos devem intervir no discurso. Se, por um lado, há a referência aos quatro povos e às vinte e cinco cidades do trecho de Estrabão (VI, 1, 13), por outro lado, os dados arqueológicos provenientes de Amendolara mostram transformações importantes durante o século VII. Com efeito, podemos observar uma participação maior de elementos gregos no interior da comunidade local, através de construções de casas com técnicas gregas ou ainda nos objetos depostos em tumbas, que apresentam quase exclusivamente vasos gregos. Analisando esses dados, M. Osanna[72] sugeriu uma integração do grupo indígena estabelecido em Amendolara ao território diretamente sob controle dos gregos de Síbaris. E. Greco inclusive identificou a fronteira norte de Síbaris com o cabo Spulico[73]. Na ausência de outros dados, é impossível verificar essas hipóteses de estudo; porém, a presença elevada de elementos gregos no sítio de Amendolara indica claramente a vontade de expansão da dominação sibarita, seja sob a forma da integração dos centros indígena ao território cívico ou sob

69. Esposito, A. e Zurbach, J., 2010, p 51-70, especialmente p. 55 e conclusão p. 66: os autores não somente sublinham as nuanças necessárias para a interpretação dessa questão da inclusão de mulheres indígenas, mas também mostram como o caso de Francavilla Marittima pode representar uma situação onde os modos dos casamentos inter-étnicos são variáveis ao longo do tempo, podendo incluir relações de aliança entre comunidades.

70. Osanna, M., 1997, p 281.

71. Osanna, M., 1997, p 281 et 288-289.

72. Osanna, M., 1992, p 132-134.

73. Greco, E., 1992a, p 34.

a forma de alianças entre a cidade grega e esses sítios indígenas. A menção de Diodoro Sículo (XII, 9, 2) sobre a generosidade na concessão do direito de cidadania da parte de Síbaris constitui certamente um ponto para reforçar essa hipótese.

A constituição de um "império" (*ἀρχή*) diz respeito não somente à zona rural sob autoridade direta da cidade, mas também às regiões independentes que mantêm relações estreitas de aliança. Nesse sentido, a fundação de Metapontum por volta de 630 a.C. pode ser o primeiro movimento importante de Síbaris para se assegurar uma dominação sobre um território mais extenso que os limites de suas terras cívicas. Segundo Estrabão (VI, 1, 15), a escolha do lugar de instalação da nova colônia aqueia, cuja fundação seguia um apelo lançado por Síbaris, garantiria em seguida a posse do território de Siris pelos aqueus de Metapontum. Esses interesses na fundação de Metapontum parecem representar o primeiro sinal visível do objetivo de constituição de um "império" da parte de Síbaris.

Um segundo movimento também em direção ao norte de Síbaris foi a destruição de Siris. É mais um movimento além das "fronteiras" cívicas e mesmo do sítio provavelmente indígena de Amendolara, contemporaneamente ao movimento da aliada Metapontum em direção sul. A tomada de uma parte do antigo território de Siris por Metapontum é confirmada pelas fontes arqueológicas e podemos supor com razão um movimento comparável da parte de Síbaris. Em todo caso, a expansão de certa forma de dominação sobre um território mais extenso em direção ao norte de Síbaris é bem atestada.

Além dos centros indígenas do interior das terras, os interesses de Síbaris também incluíam a costa tirrênica. O movimento mais importante e mais distante geograficamente é certamente a fundação da sub-colônia Poseidonia, por volta de 600 a.C. Poucos anos depois do sucesso da participação de Síbaris na fundação de Metapontum, Poseidonia é fundada na costa do mar Tirreno. Não parece uma mera coincidência que as duas novas colônias aqueias estejam situadas nas proximidades de dois rios importantes, que serviam como indicação de limites. Estrabão (VI, 1, 4) menciona a Lucania, a Magna Grécia, a *Italìa* ou a Œnotria, mas o traço comum dessa região com diversas denominações é a definição de seus limites: entre o Sele (ao norte de Poseidonia) e o Bradano (ou a cidade de Metapontum) em um sentido, e até o curso do Laos para o limite sul[74]. Além disso, o Sele e o Bradano marcam também

74. Ver comentário recente sobre as denominações dessa região, principalmente nas fontes de época romana, como Estrabão ou Tito Lívio: Simon, M., 2011, p 65-80.

a fronteira entre as cidades aqueias e populações itálicas bem organizadas, os etruscos na Campânia e os iapígios ao nordeste do Bradano. Essas mesmas balizas foram em seguida utilizadas igualmente para a definição das regiões italianas de Augusto: o Sele e o Bradano delimitam a região III[75]. Assim, é necessário constatar a coincidência entre esses limites e os lugares diretamente investidos pelos interesses do "império" de Síbaris.

No que concerne às relações entre Poseidonia, Síbaris e as populações próximas da costa do mar Tirreno, E. Greco também inclui a fundação de Vélia (*Ὑέλη*)[76]: segundo Heródoto (I, 167)[77], deve-se ver uma participação direta da parte de Poseidonia na fundação dos colonos vindos de Foceia. O historiador diz que os colonos de Foceia que haviam encontrado refúgio em Rhegion (*Ρήγιον*, atual Reggio Calabria) tinham sido aconselhados por um habitante de Poseidonia na interpretação do oráculo e no estabelecimento da colônia em terras da Œnotria: quando a Pítia mencionava Kirnos, ela não estava se referindo à ilha de Kirnos (Córsega), mas à construção de um santuário dedicado ao herói de mesmo nome. As razões para o interesse de Síbaris na fundação de Vélia foram sugeridas por E. Greco[78] como ligadas à rota comercial marítima nas costas do mar Tirreno. Os dados arqueológicos provenientes dos sítios ao sul de Vélia mostram, de fato, trocas comerciais importantes nessa região[79].

Este panorama das influências de Síbaris perceptíveis em diversas regiões do sul da Itália é obviamente muito sucinto, mas permite a indicação de possíveis dimensões do célebre "império". Essa descrição é importante para nosso discurso no sentido de que até mesmo a implantação de uma nova cidade, como a sub-colônia de Poseidonia, é provavelmente o resultado material mais visível desta vontade de controle de um espaço bastante extenso. A localização de Poseidonia é, sem nenhuma dúvida, o resultado de um cálculo estratégico de Síbaris. E este mesmo cálculo deve estar na origem da fundação de Metapontum.

Conclusão

A utilização de conceitos modernos tomados das ciências sociais ou da história a respeito de outros períodos pode ser muito benéfica para o estudo da colonização grega arcaica no

75. Plínio o Velho, *N.H.*, III, 10, 71 et 11, 97 ; Nicolet, C., 1988, p 302.

76. Greco, E., 1992b, p 476-481 e Greco, E., 2000, p 202.

77. « *Οἱ δὲ αὐτῶν ἐς τὸ Ρήγιον καταφυγόντες ἐνθεῦτεν ὁρμώμενοι ἐκτήσαντο πόλιν γῆς τῆς Οἰνωτρίης ταύτην ἥτις νῦν Ὑέλη καλέεται. Ἔκτισαν δὲ ταύτην πρὸς ἀνδρὸς Ποσειδωνιήτεω μαθόντες ὡς τὸν Κύρνον σφι ἡ Πυθίη ἔχρησε κτίσαι ἥρων ἐόντα, ἀλλ᾽οὐ τὴν νῆσον. Φωκαίης μέν τῆς ἐν Ἰωνίῃ οὕτως ἔσχε.* ».

78. Greco, E., 1992b, p 481.

79. Greco, E., 1975, p 81-109.

sul da Itália. Vimos como o conceito de *frontier history* pode organizar a interpretação de um avanço progressivo dos colonos gregos em terras recentemente conquistadas. Em especial, desde os trabalhos de Turner, devemos observar não somente a conquista militar, mas também as implicações dos processos sociais e econômicos. Nesse sentido, as perspectivas pós-coloniais estão certas quando insistem na análise das comunidades indígenas e nos diferentes papéis que estas podem ter tido nos contatos com os colonos gregos. Contudo, não devemos substituir um modelo em certo sentido generalizante, que insistia na "penetração" dos elementos gregos nas comunidades nativas, por outro modelo único. Certas correntes pós-coloniais, sobretudo anglófonas, subestimam a historiografia italiana e os resultados das pesquisas arqueológicas tanto em sítios coloniais gregos quanto autóctones.

O exemplo de Síbaris, nesse sentido, nos permite identificar e valorizar o elemento nativo tanto no interior da comunidade colonial grega quanto em sítios indígenas em contato estreito com os colonos, talvez sob sua hegemonia. Ao mesmo tempo, esse exemplo confirma a necessidade da análise dos contextos coloniais a partir de todos os tipos de dados disponíveis e da observação tanto dos aspectos étnicos quanto sociais, políticos e militares. Contextos de coabitação pacífica podem ser compatíveis com interesses políticos e militares hegemônicos, numa dialética nuançada, onde os diversos atores devem ser recolocados em seus lugares, sobretudo em relação às definições de estatutos sociais e políticos, e não só étnicos. Somente quando as ambivalências das situações coloniais são consideradas de forma detalhada e precisa, quando podemos analisar tanto os estratos das "vozes subalternas" por intermédio da arqueologia, quanto os objetivos das classes dominantes tais quais expressos em seus escritos, podemos ter uma visão mais completa dos contextos coloniais antigos.

Fig. 1 Mapa da Magna Grécia, com a indicação das principais cidades gregas das épocas arcaica e clássica. © A. Pollini, 2013.

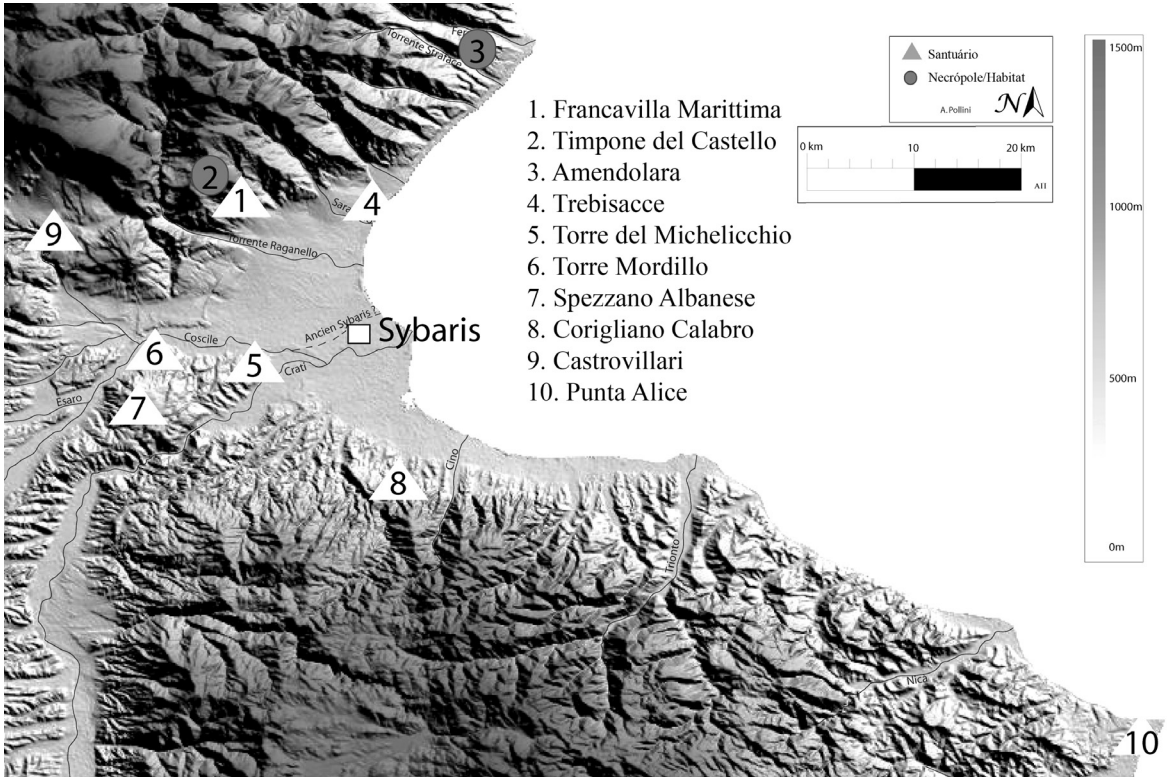

Fig. 2 Mapa do território de Síbaris, com a indicação dos principais sítios arqueológicos da época arcaica. © A. Pollini, 2013.

Referências

Ampolo, C., 1992, « The Economics of the sanctuaries in Southern Italy and Sicily », in *Economics of cult in the ancient world*, Proceedings of the Uppsala Symposium, Uppsala p. 25-28.

Amselle, J.-L., 2002, « Le métissage : une notion piège », in N. Journet (org.), *La culture : de l'universel au particulier : la recherche des origines, la nature de la culture, la construction des identités*, Auxerre, Éditions "Sciences humaines", p. 329-333.

Andreau, J. e Schnapp, A., 2000, « Introduction », in E. Lepore (org.), *La Grande Grèce : aspects et problèmes d'une colonisation ancienne. Quatre conférences au Collège de France (Paris, 1982)*, Naples, Centre Jean Bérard, p. 7-15.

Antonaccio, C. M., 2010, « (Re)Defining ethnicity: culture, material culture, and identity », in S. Hales e T. Hodos (orgs.), *Material culture and social identity in the Ancient world*, Cambridge, Cambridge University Press, p. 32-53.

Asheri, D., 1988, « À propos des sanctuaires extraurbains en Sicile et Grande Grèce : théorie et témoignages », *Mélanges P. Lévêque*, I, Religion, Besançon, Université de Besançon, p. 1-5.

Avram, A., 2012, « Le rôle des *époikoi* dans la colonisation grecque en mer Noire : quelques études de cas », in L. Martinez-Sève (org.), *Les diasporas grecques du VIIIe à la fin du IIIe siècle av. J.-C.*, 89, Toulouse, Presses universitaires du Mirail, p. 197-216.

Barth, F. (org.) 1969, *Ethnic Groups and Boundaries. The Social organization of cultural differences*, Boston, Little Brown.

Bats, M., 2000, « La chora de Massalia », in *Problemi della chora coloniale dall'Occidente al Mar Nero*, Atti del Convegno di studi sulla Magna Grecia, XL, Tarente, Istituto per la Storia e l'Archeologia della Magna Grecia p. 491-512.

_____, 2007, « Un bilan : quelques pistes », in J.-M. Luce (org.), *Identités ethniques dans le monde grec antique*, Toulouse, Presses Universitaires du Mirail, p. 235-242.

Bérard, J., 1957, *La colonisation grecque de l'Italie méridionale et de la Sicile dans l'Antiquité*, 2ª ed., Paris, PUF, Primeira edição, 1941.

Bhabha, H. K., 1994, *The Location of culture*, Londres, Routledge.

BOISSINOT, P., 2005, « Sur la plage emmêlés : Celtes, Ligures, Grecs et Ibères dans la confrontation des textes et de l'archéologie », in P. BOISSINOT e P. ROUILLARD (orgs.), *Lire les territoires des sociétés anciennes*, Madrid, Casa de Velázquez, p. 13-43.

CAPDETREY, L., 2012, « Mobilités grecques, histoire en mouvement », in L. CAPDETREY e J. ZURBACH (orgs.), *Mobilités grecques. Mouvements, réseaux, contacts en Méditerranée, de l'époque archaïque à l'époque hellénistique*, Bordeaux, Ausonius, p. i-vi.

Colonie di colonie. Le fondazioni sub-coloniali greche tra colonizzazione e colonialismo, 2006, in M. LOMBARDO e F. FRISONE (orgs.), Lecce, Congedo editore, 2009.

Confini e frontiera nella grecità d'Occidente, 1997, *Atti del Convegno di Studi sulla Magna Grecia*, XXXVII, Tarente, Istituto per la Storia e l'Archeologia della Magna Grecia, 1999.

CUNLIFFE, B., 2006, « Afterword: historical archaeology in the wider discipline », in D. HICKS e M. C. BEAUDRY (orgs.), *The Cambridge companion to Historical archaeology*, Cambridge, Cambridge University Press, p. 314-319.

DE POLIGNAC, F., 1994, « Mediation, competition, and sovereignty: the evolution of rural sanctuaries in Geometric Greece », in S. E. ALCOCK e R. OSBORNE (orgs.), *Placing the Gods. Sanctuaries and sacred space in Ancient Greece*, Oxford, Clarendon Press, p. 3-18.

_____, 1995, *La Naissance de la cité grecque. Cultes, espace et société, VIII^e^-VII^e^ siècles*, 2ª ed., Paris, La Découverte, Primeira edição, 1984.

DESCOEUDRES, J.-P. (org.) 1990, *Greek Colonists and Native Populations*, Proceedings of the First Australian Congress of Classical Archaeology held in honour of Emeritus Professor A. D. Trendall, Sydney 9-14 July 1985, Oxford, Clarendon Press.

DOMÍNGUEZ, A. J., 2011, « The origins of Greek colonisation and the Greek polis: some observations », *Ancient West and East (AWE)*, 10, p. 195-207.

DYSON, S., 1995, « Is there a text in this site? », in D. B. SMALL (org.), *Methods in the Mediterranean: historical and archaeological views on texts and archaeology*, Leiden, Brill, p. 25-44.

ESPOSITO, A., 2005, *Entre Sybaris et Tarente: archéologie d'une frontière. Identités, mythes et territoires dans le Golfe de Tarente (IXe-Ve s. av. J.-C.)*, Université de Paris I.

ESPOSITO, A. e LEO, G., 2006, « Archéologie, histoire et politique nationale (1860-1970) : l'Italie méridionale et Sybaris », *European Review of History - Revue européenne d'Histoire*, 13, n° 4, p. 621-642.

ESPOSITO, A. e POLLINI, A., 2013a, « La Visibilité des pauvres dans les sources archéologiques », *Ktèma. Civilisations de l'Orient, de la Grèce et de Rome antiques*.

_____, 2013b, « Penser les métissages en Grande Grèce et en Sicile », in *Penser les métissages*, org. M. REDONQ. DELUERMOZ, *et al.*, Paris-Villetaneuse.

_____, 2013c, « Post-colonialism from America to Magna Graecia », in *Contextualising "early colonisation": archaeology, sources, chronology and interpretative models between Italy and the Mediterranean*, org. L. DONNELLAN e V. NIZZO, Rome, Primeira edição, sous presse.

_____, 2013d, « Pottery and cultural borders in Magna Graecia and Sicily », in *I Congreso Internacional sobre Estudios Cerámicos. Homenaje a la Dra. Vegas*, org. L. GIRÓN, Cadiz (Espagne).

_____, 2013e, « Relations interculturelles en Grande Grèce et Sicile », in *Le point de vue de l'autre. Relations culturelles et diplomatiques dans le monde méditerranéen. Dialogues d'Histoire Ancienne*, org. A. GONZALES e M. T. SCHETTINO, Besançon, Presses universitaires de Franche-Comté.

ESPOSITO, A. e ZURBACH, J., 2010, « Femmes indigènes et colons grecs : quelques observations », in P. ROUILLARD (org.), *Portraits de migrants, portraits de colons*, 2, p. 51-70

_____, 2013, « Technological standardization and cultural contact. Methodological considerations and case-studies », in *Proceedings of the European Association of Archaeologists annual meeting*.

FINLEY, M. I., 1976, « Colonies. An attempt at a typology », *Transactions of the Royal Historical Society*, s.V, XXVI, p. 167-188.

FOHLEN, C., 1965, *L'Amérique anglo-saxone de 1815 à nos jours*, Paris, PUF.

FUNARI, P. P. A., 1999, « Historical archaeology from a world perspective », in P. P. A. FUNARI, M. HALL, *et al.* (orgs.), *Historical Archaeology: back from the edge*, Londres, Routledge, p. 37-66.

FUNARI, P. P. A., HALL, M., e JONES, S. (orgs.), 1999, *Historical Archaeology: back from the edge*, One world archaeology, 31, Londres, Routledge.

FUNARI, P. P. A., ZARANKIN, A., e STOVEL, E. (orgs.), 2005, *Global archaeological theory: contextual voices and contemporary thoughts*, New York, Kluwer academic/Plenum publishers.

FUSTEL DE COULANGES, N., 1984, *La Cité antique*, Paris, Flammarion, Primeira edição, 1864.

GENOVESE, G., 1999, *I Santuari rurali nella Calabria greca*, Studia archeologica, 102, Rome, L'Erma di Bretschneider.

GOSDEN, C., 2001, « Postcolonial archaeology: issues of culture, identity, and knowledge », in I. HODDER (org.), *Archaeological theory today*, Cambridge, Polity, p. 241-261.

_____, 2004, *Archaeology and colonialism: cultural contact from 5000 BC to the present*, Topics in contemporary archaeology, Cambridge, Cambridge University Press.

Greci e Italici in Magna Grecia, 1961, *Atti del Convegno di studi sulla Magna Grecia*, I, Tarente, Istituto per la Storia e l'Archeologia della Magna Grecia.

GRECO, E., 1975, « Velia e Palinuro. Problemi di topografia antica », *Mélanges de l'École française de Rome. Antiquité*, 87, 1, p. 81-109.

_____, 1992a, *Archeologia della Magna Grecia*, Rome-Bari, Laterza.

_____, 1992b, « L'impero di Sibari: bilancio archeologico-topografico », in *Sibari e la Sibaritide*, Atti del convegno di studi sulla Magna Grecia, XXXII, Tarente, Istituto per la Storia e l'Archeologia della Magna Grecia p. 459-485.

_____, 2000, « A Rhegion: il poseidoniate, i Focei e la fondazione di Velia », in M. GRAS, E. GRECO, *et al.* (orgs.), *Nel cuore del Mediterraneo antico. Reggio, Messina e le colonie calcidesi dell'area dello Stretto*, Corigliano Calabro (CS), Meridiana Libri, p. 199-206.

_____, 2011, « On the Origin of the Western Greek Poleis », *Ancient West and East (AWE)*, 10, p. 233-242.

Greco, G., 1999, « Santuari extraurbani tra periferia cittadina e periferia indigena », *La Colonisation grecque en Méditerranée occidentale, Actes de la rencontre scientifique en hommage à G. Vallet*, 251, Rome, École Française de Rome, p. 231-247.

Gruzinski, S. e Rouveret, A., 1976, « Ellos son como niños. Histoire et acculturation dans le Mexique colonial et l'Italie méridionale avant la romanisation », *Mélanges de l'École française de Rome. Antiquité*, 1, p. 159-219.

Guzzo, P. G., 1987a, « L'Archeologia delle città italiote nel IV e III sec. a.C. », in S. Settis (org.), *La Calabria antica*, Rome-Reggio Calabria, Gangemi editore, p. 475-526.

_____, 1987b, « Schema per la categoria interpretativa dei santuari di frontiera », *Scienze dell'Antichità. Storia Archeologia Antropologia*, 1, p. 373-379.

Hales, S. e Hodos, T., 2010, *Material culture and social identity in the Ancient world*, Cambridge, Cambridge University Press.

Hall, J., 2007, « The Creation and expression of identity in the Classical world: Greece », in S. E. Alcock e R. Osborne (orgs.), *Classical Archaeology*, Malden, MA, Blackwell Publishing, p. 337-354.

_____, 2012, « Early Greek settlement in the west: the limits of colonialism », in K. Bosher (org.), *Theatre Outside Athens: Drama in Greek Sicily and South Italy*, Cambridge, Cambridge University Press, p. 19-34.

Hall, J. M., 1997, *Ethnic identity in Greek antiquity*, Cambridge, Cambridge University Press.

_____, 2002, *Hellenicity: between ethnicity and culture*, Chicago, University of Chicago Press.

Hall, M., 1999, « Subaltern voices? Finding the spaces between things and words », in P. P. A. Funari, M. Hall*, et al.* (orgs.), *Historical archaeology: back from the edge*, Londres, Routledge, p. 193-203.

Hansen, M. H., 1996, « City-Ethnics as evidence for Polis identity », in M. H. Hansen e K. Raaflaub (orgs.), *More*

studies in the ancient greek polis, 108, Sttutgart, Franz Steiner Verlag, p. 169-196.

Hellmann, M.-C., 2010, *L'architecture grecque. 3, Habitat, urbanisme et fortifications*, Les Manuels d'art et d'archéologie antiques, Paris, Picard.

Jacobsen, J. K. e Handberg, S., 2010, *Excavation on the Timpone della Motta, Francavilla Marittima (1992-2004). I, The Greek pottery*, Bari, Edipuglia.

Johnson, M. H., 1999, « Rethinking historical archaeology », in P. P. A. Funari, M. Hall, *et al.* (orgs.), *Historical Archaeology: back from the edge*, Londres, Routledge, p. 23-36.

Jones, S., 1997, *The Archaeology of ethnicity. Constructing identities in the past and present*, Londres, Routledge.

Knapp, A. B. e Voskós, A. I., 2008, « Cyprus at the end of the Late Bronze Age: crisis and colonization, or continuity and hybridization? », *American Journal of Archaeology*, vol. 112, p. 659-684.

La città e il suo territorio, 1967, *Atti del convegno di studi sulla Magna Grecia*, VII, Tarente, Istituto per la Storia e l'Archeologia della Magna Grecia, 1968.

Lattimore, O., 1962, *Studies in frontier history*, collected papers 1928-1958, Oxford, Oxford University Press.

Lawrence, S. e Shepherd, N., 2006, « Historical archaeology and colonialism », in D. Hicks e M. C. Beaudry (orgs.), *The Cambridge companion to historical archaeology*, Cambridge, Cambridge University Press, p. 69-86.

Le genti non greche della Magna Grecia, 1971, *Atti del Convegno di studi sulla Magna Grecia*, XI, Tarente, Istituto per la Storia e l'Archeologia della Magna Grecia.

Leo, G., 2010, *Recherches sur le territoire de Sybaris à l'époque archaïque*, Université de Paris I.

Lepore, E., 1967, « Per una fenomelogia storica del rapporto città-territorio in Magna Grecia », in *La città e il suo territorio*, Atti del convegno di studi sulla Magna Grecia, VII, Tarente, Istituto per la Storia e l'Archeologia della Magna Grecia p. 29-66.

_____, 1969, « Problemi dell'organizzazione della chora coloniale », in *Problèmes de la terre en Grèce Ancienne*, org. M. I. Finley, Paris, Mouton & Co. p. 15-47.

_____, 2000a, « I Greci in Italia », in E. Greco e M. Lombardo (orgs.), *Le Colonie degli antichi e dei moderni*, Rome-Paestum, Donzelli editore, Primeira edição, 1981, p. 29-87.

_____, 2000b, *La Grande Grèce : aspects et problèmes d'une colonisation ancienne*, Quatre conférences au Collège de France (Paris, 1982), Naples, Centre Jean Bérard, Primeira edição, 1982.

Lewis, A. e Macgann, T., 1963, *The New world looks at its history*, Austin, TX, University of Texas Press.

Lomas, K., 2004, « Hellenism, Romanization and Cultural Identity in Massalia », in K. Lomas (org.), *Greek Identity in the Western Mediterranean. Papers in Honour of Brian Shefton*, Leiden, Brill, p. 475-498.

Loomba, A., 2005, *Colonialism-postcolonialism*, 2ª ed., Londres, Routledge, Primeira edição, 1998.

Luce, J.-M. (org.) 2007, *Identités ethniques dans le monde grec antique*, Pallas, Toulouse, Presses Universitaires du Mirail.

Lyons, C. L. e Papadopoulos, J. K. (orgs.), 2002, *The archaeology of colonialism*, Los Angeles, Getty Research Institute.

Maaskant-Kleibrink, M., 1996, « Le Scoperte più recenti sul Timpone della Motta », *Santuari della Magna Grecia in Calabria*, Naples, Electa, p. 198-203.

_____, 2005, « The early Athenaion at Lagaria (Francavilla Marittima) near Sybaris: an overview of its early-geometric II and its mid-7th century BC phases », in *Papers in Italian archaeology. 6. Communities and settlements from the Neolithic to the Early Medieval Period. Proceedings of the 6th conference of Italian archaeology held at the University of Groningen, Groningen Institute of Archaeology, the Netherlands, April 15-17, 2003*, BAR. International series, 1452, Archaeopress p. 754-772.

Maaskant-Kleibrink, M., Barresi, L., e Fasanella Masci, M., 2012, *Excavations at Francavilla Marttima 1991-2004 : matt-patinted pottery from the Timpone della Motta. The undulating bands style*, BAR international series, 2423, 1, Oxford, Archaeopress.

MAASKANT-KLEIBRINK, M. e SANGINETO, M., 1998, « Enotri a Timpone Motta (I), la ceramica geometrica dallo strato di cenere e materiale relativo dell'edificio V, Francavilla Marittima », *Babesch. Bulletin Antike Beschaving. Annual papers on Classical archaeology*, 73, p. 1-60.

Magna Grecia e il mondo miceneo, 1982, *Atti del Convegno di studi sulla Magna Grecia*, XXII, Tarente, Istituto per la Storia e l'Archeologia della Magna Grecia.

MALKIN, I., 2002, « A colonial Middle Ground: Greek, Etruscan, and local elites in the Bay of Naples », in C. L. LYONS e J. K. PAPADOPOULOS (orgs.), *The archaeology of colonialism*, Los Angeles, Getty Research Institute, p. 151-181.

_____, 2011, *A Small Greek World: networks in the Ancient Mediterranean*, Oxford, Oxford University Press.

_____ (org.) 2001, *Ancient perceptions of Greek ethnicity*, Center for Hellenic studies colloquia, 5, Washington, Center of Hellenic studies. Trustees for Harvard University.

MCINERNEY, J., 1999, *The Folds of Parnassos. Land and ethnicity in ancient Phokis*, Austin, TX, University of Texas Press.

MELE, A., 2003, « Le anomalie di Pithecusa. Documentazioni archeologiche e tradizioni letterarie », *Incidenza dell'antico. Dialoghi di storia greca*, 1, p. 13-39.

MERCURI, L., 2010, « Monte San Mauro di Caltagirone (Sicile) : histoire des interprétations d'un site du premier âge du Fer », in H. TRÉZINY (org.), *Grecs et indigènes de la Catalogne à la mer Noire*, 3, Aix-en-Provence, Centre Camille-Jullian, p. 695-700.

MESKELL, L., 2001, « Archaeologies of identity », in I. HODDER (org.), *Archaeological theory today*, Cambridge, Polity, p. 187-213.

MONBEIG, P., 1952, *Pionniers et planteurs de Sao Paulo*, Cahiers de la Fondation nationale des sciences politiques, 28, Paris, Colin.

MÜLLER, C. e PROST, F. (orgs.), 2002, *Identités et Cultures dans le monde Méditerranéen Antique*, Paris, Publications de la Sorbonne.

NICOLET, C., 1988, *L'Inventaire du monde. Géographie et politique aux origines de l'Empire romain*, Paris, Fayard.

Ober, J., 1995, « Greek Horoi: artifactual texts and the contingency of meaning », in D. B. Small (org.), *Methods in the Mediterranean: historical and archaeological views on texts and archaeology*, Leiden, Brill, p. 91-123.

Orser Jr, C. E., 2000, *Introducción a la arqueología histórica*, Tradução de A. Zarankin, Buenos Aires, Asociación amigos del Instituto nacional de antropología, Primeira edição, 1992.

Osanna, M., 1992, *Chorai coloniali da Taranto a Locri : documentazione archeologica e ricostruzione storica*, Rome, Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato.

_____, 1997, « Territorio coloniale e frontiera: la documentazione archeologica », in *Confini e frontiera nella grecità d'Occidente*, Atti del Convegno di Studi sulla Magna Grecia, XXXVII, Tarente, Istituto per la Storia e l'Archeologia della Magna Grecia p. 273-292.

Osborne, R., 1998, « Early Greek Colonization? The Nature of Greek Settlement in the West », in N. Fisher e H. Van Wees (orgs.), *Archaic Greece: New Approaches and New Evidence*, Londres, Duckworth, p. 251-269.

Osorio Silva, L., 2003, « Fronteira e identidade nacional », in *Anais do V Congresso Brasileiro de História Econômica*, Caxambu, MG, ABPHE p. 101-125.

_____, 2006, « Tierras nuevas y construcción del estado en Brasil y Argentina », *América Latina en la Historia económica*, 25, p. 45-71.

Owen, S., 2005, « Analogy, Archaeology and Archaic Greek Colonization », in H. R. Hurst e S. Owen (orgs.), *Ancient Colonizations: Analogy, Similarity and Difference*, Londres, Duckworth, p. 5-22.

Peroni, R., 1989, *Popoli e civiltà dell'Italia antica*, Protostoria dell'Italia continentale: la penisola italiana nelle età del bronzo e del ferro, 9, Rome, Biblioteca di storia patria.

Pollini, A., 2006, « Bibliographical note on the study of the territory in Magna Graecia », *Workshop di Archeologia Classica. Paesaggi, costruzioni, reperti*, p. 37-56.

_____, 2014, *Frontières et territoires en Grande Grèce. Archéologie et histoire des représentations*, Naples, Centre Jean Bérard.

Pontrandolfo, A. e Rouveret, A., 1983, « La rappresentazione del barbaro in ambiente Magno-greco », *Modes de contacts et processus de transformation dans les sociétés anciennes. Actes du colloque de Cortone (24-30 mai 1981)*, Pisa-Rome, Scuola Normale Superiore-École Française de Rome, p. 1051-1066.

Pugliese-Carratelli, G., 1988, « I Santuari extramurani », in G. Pugliese-Carratelli (org.), *Magna Grecia. Vita religiosa e cultura letteraria, filosofia e scientifica*, 3, Rome, Electa, p. 149-158.

_____, 1990, « Santuari extramurani in Magna Grecia », in G. Pugliese-Carratelli (org.), *Tra Cadmo ed Orfeo. Contributi alla storia civile e religiosa dei Greci d'Occidente*, Bologne, Il Mulino, p. 137-142.

Redfield, R., Linton, R., e Herskovits, M. J., 1936, « Memorandum for the study of acculturation », *American Anthropologist*, N.S., 38, 1, p. 149-152.

Ruby, P., 2006, « Peuples, fictions ? Ethnicité, identité ethnique et sociétés anciennes », *Revue des études anciennes*, 108, 1, p. 25-60.

Scott, J. W., 1986, « Gender: a useful category of historical analysis », *The American Historical Review*, vol. 91, 5, p. 1053-1075.

Silliman, S. W., 2005, « Culture contact or colonialism? Challenges in the archaeology of Native North America », *American Antiquity*, 70, 1, p. 55-74.

Simon, M., 2011, *Le rivage grec de l'Italie romaine : la Grande Grèce dans l'historiographie augustéenne*, Collection de l'Ecole française de Rome, 442, Rome, École Française de Rome.

Slotkin, R., 1992, *Gunfighter nation. The myth of the frontier in twentieth-century America*, New York, Atheneum.

_____, 1998, *The Fatal environment: the myth of the frontier in the age of industrialization (1800-1890)*, Oklahoma, University of Oklahoma.

Small, D. B., 1995a, « Introduction », in D. B. Small (org.), *Methods in the Mediterranean: historical and archaeological views on texts and archaeology*, Leiden, Brill, p. 1-22.

_____, 1995b, « Monuments, laws, and analysis: combining archaeology and text in Ancient Athens », in D. B. Small

(org.), *Methods in the Mediterranean: historical and archaeological views on texts and archaeology*, Leiden, Brill, p. 143-174.

_____, 1999, « The tyranny of the text: lost social strategies in current historical period archaeology in the classical Mediterranean », in P. P. A. Funari, M. Hall, *et al.* (orgs.), *Historical Archaeology: back from the edge*, Londres, Routledge, p. 122-136.

Spatafora, F. e Vassallo, S. (orgs.), 2006, *Des Grecs en Sicile : Grecs et indigènes en Sicile occidentale d'après les fouilles archéologiques*, Palerme, Dipartimento regionale dei beni culturali ambientali ed educazione permanente.

Torelli, M., 1977, « Greci e indigeni in Magna Grecia : ideologia religiosa e rapporti di classi », *Studi Storici*, 18, p. 45-61.

Tréziny, H. (org.) 2010, *Grecs et indigènes de la Catalogne à la mer Noire*, Bibliothèque d'archéologie méditerranéenne et africaine du Centre Camille-Jullian, 3, Aix-en-Provence, Centre Camille-Jullian.

Turgeon, L., Delâge, D., e Ouellet, R. (orgs.), 1996, *Transferts culturels et métissages, Amérique-Europe XVI^e^-XX^e^ siècle*, Paris, L'Harmattan.

Turner, F. J., 1893, « The Significance of the Frontier in American History », *Report of the American Historical Association*, p. 199-227.

_____, 1896, « The problem of the West », *Atlantic Monthly*.

_____, 1921, *The Frontier In American History*, New York, Henry Holt and Company.

Vallet, G., 1967, « La cité et son territoire dans les colonies grecques d'Occident », in *La città e il suo territorio*, Atti del convegno di studi sulla Magna Grecia, VII, Tarente, Istituto per la Storia e l'Archeologia della Magna Grecia p. 67-142.

Van Dommelen, P., 2006, « Colonial matters: material culture and postcolonial theory in colonial situations », in C. TilleyW. Keane, *et al.* (orgs.), *Handbook of Material Culture*, Londres, Sage, p. 104-124.

Weber, D. e Rausch, J. (orgs.), 1994, *Where cultures meet*, Wilmington, Jaguar Books.

WHITE, R., 1991, *The Middle Ground: Indians, empires, and republics in the Great Lakes region, 1650-1815*, New York, Cambridge University Press.

WHITEHOUSE, R. e WILKINS, J., 1989, « Greek and Natives in South-East Italy: approaches to the archaeological evidence », in T. C. CHAMPION (org.), *Centre and periphery: comparative studies in archaeology*, Londres, Unwin Hyman, p. 102-137.

WIELEN, F. V. D. e DE LACHENAL, L., 2007, *La dea di Sibari e il santuario ritrovato : studi sui rinvenimenti dal Timpone Motta di Francavilla Marittima. I.1, Ceramiche di importazione, di produzione coloniale e indigena (tomo I)*, Bollettino d'arte. Volume speciale, Rome, Istituto poligrafico e Zecca dello Stato, Libreria dello Stato.

_____, 2008, *La dea di Sibari e il santuario ritrovato : studi sui rinvenimenti dal Timpone Motta di Francavilla Marittima. I.2, Ceramiche di importazione, di produzione coloniale e indigena (tomo 2)*, Bollettino d'arte. Volume speciale, Rome, Istituto poligrafico e Zecca dello Stato, Libreria dello Stato.

YNTEMA, D. G., 2000, « Mental landscapes of colonization: the ancient written sources and the archaeology of early colonial-Greek southeastern Italy », *Babesch. Bulletin Antike Beschaving. Annual papers on Classical archaeology*, 75, p. 1-49.

Recebido em março de 2013.
Aprovado em maio de 2013.